

SUSTENTABILIDADE, ECONOMIA ECOLÓGICA E RELIGIÃO: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS GRUPOS AYAHUASQUEIROS E DO CONTEXTO DE SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

Igor Fernandes Antunes

Universidade de São Paulo - EACH/USP

E-mail: igor.antunes@alumni.usp.br

Paulo Santos de Almeida

Universidade de São Paulo - EACH/USP

E-mail: psalmeida@usp.br

Resumo

Neste artigo buscou-se compreender as relações entre sustentabilidade, economia ecológica e religião, a partir da análise da atuação dos grupos ayahuasqueiros e do contexto de suas práticas culturais. Para isto, foi realizado levantamento bibliográfico em duas frentes distintas, observando os princípios que direcionam esta vertente da economia (Cechin; Veiga, 2010; Farley, 2010, 2016; Von Hauff, 2016), além de materiais referentes à trajetória dos grupos ayahuasqueiros (Hoffmann, 2011; Thevenin, 2017; Monteles, 2020), buscando realizar conexões entre estes pontos. Ademais, foi realizado trabalho etnográfico em três organizações ayahuasqueiras das regiões Norte, Sudeste e Sul, os dados obtidos foram abordados em análise comparativa aos dados da literatura. Os resultados mostram uma coerência entre os princípios que direcionam a abordagem da economia ecológica e a atuação dos grupos, sobretudo no que diz respeito às medidas conservacionistas na gestão de seus territórios, que refletem em altas taxas de preservação de floresta, na adoção de sistemas de cultivo sustentáveis e de técnicas de coleta conservacionistas. Em relação ao contexto de suas práticas culturais, observou-se tanto a preservação de práticas relacionadas à tradição destas religiões, como também sua alteração, na medida em que os grupos expandiram. Isto mostra a complexidade da análise da sustentabilidade desses grupos em âmbito local e no cenário nacional.

Palavras-chaves: Sustentabilidade; Economia ecológica; Religiões ayahuasqueiras; Conservação ambiental; Práticas culturais.

SUSTAINABILITY, ECOLOGICAL ECONOMY AND RELIGION: ANALYSIS OF THE PERFORMANCE OF AYAHUASCA GROUPS AND THE CONTEXT OF THEIR CULTURAL PRACTICES

Abstract

This article sought to understand the relationships between sustainability, ecological economy and religion, based on the analysis of the activities of ayahuasca groups and the context of their cultural practices. To this end, a bibliographical survey was carried out on two distinct fronts, observing the principles that guide this aspect of the economy (Cechin; Veiga, 2010; Farley, 2010, 2016; Von Hauff, 2016), in addition to materials relating to the trajectory of ayahuasca groups (Hoffmann, 2011; Thevenin, 2017; Monteles, 2020), seeking to make connections between these points. Furthermore, ethnographic work was carried out in three ayahuasca organizations in the North, Southeast and South regions, the data obtained was approached in a comparative analysis with data from the literature. The results show coherence between the principles that guide the ecological economy approach and the actions of the groups, especially with regard to conservation measures in the management of their territories, which reflect in high rates of forest preservation, in the adoption of sustainable cultivation and conservationist collection techniques. In relation to the context of their cultural practices, it was observed both the preservation of practices related to the tradition of these religions, as well as their alteration, as the groups expanded. This shows the complexity of analyzing the sustainability of these groups at a local and national level.

Key words: Sustainability; Ecological economy; Ayahuasca religions; Environmental Conservation; Cultural practices.

SOSTENIBILIDAD, ECONOMÍA ECOLÓGICA Y RELIGIÓN: ANÁLISIS DEL DESEMPEÑO DE LOS GRUPOS AYAHUASQUEIROS Y EL CONTEXTO DE SUS PRÁCTICAS CULTURALES

Resumen

Este artículo buscó comprender las relaciones entre sostenibilidad, economía ecológica y religión, a partir del análisis de las actividades de los grupos ayahuasqueiros y el contexto de sus prácticas culturales. Para ello, se realizó un levantamiento bibliográfico en dos frentes distintos, observando los principios que guían este aspecto de la economía (Cechin; Veiga, 2010; Farley, 2010, 2016; Von Hauff, 2016), además de materiales relativos a la trayectoria de los grupos ayahuasqueiros (Hoffmann, 2011; Thevenin, 2017; Monteles, 2020), buscando establecer conexiones entre estos puntos. Además, se realizó un trabajo etnográfico en tres organizaciones de ayahuasca de las regiones Norte, Sureste y Sur, los datos obtenidos se abordaron en un análisis comparativo con datos de la literatura. Los resultados muestran coherencia entre los principios que guían el enfoque de economía ecológica y las acciones de los grupos, especialmente en lo que respecta a las medidas de conservación en el manejo de sus territorios, que se reflejan en altos índices de preservación forestal, en la adopción de prácticas de cultivo sostenibles y técnicas conservacionistas de recolección. En relación al contexto de sus prácticas culturales, se observó tanto la preservación de prácticas relacionadas con la tradición de estas religiones, como su alteración a medida que los grupos se expandieron. Esto muestra la complejidad de analizar la sostenibilidad de estos grupos a nivel local y nacional.

Palabras-clave: Sostenibilidad; Economía ecológica; Religiones de ayahuasca; Conservación ambiental; Prácticas culturales.

Introdução

A origem e o contexto dos grupos ayahuasqueiros

A ayahuasca é um chá de origem indígena feito a partir da infusão de duas espécies vegetais, o cipó *Banisteriopsis caapi* (cipó/jagube/mariri), e as folhas do arbusto *Psychotria viridis* (chacrona/rainha) (Labate, 2009). A utilização desta bebida por populações tradicionais do bioma amazônico, como indígenas e vegetalistas, possui diversas funções e algumas delas são destacadas por Luna (1986, p.60), entre elas: para a exploração do ambiente em que estavam inseridos, através do conhecimento da flora e fauna local; para questões culturais relacionadas ao desenvolvimento artístico e memorização de mitos; para fazer contato com o mundo espiritual e auxiliar na descoberta de doenças e seus respectivos processos curativos.

O uso da ayahuasca teve uma expansão a partir da década de 1930, através de outros grupos presentes nas áreas rurais da Amazônia, em um fenômeno que posteriormente será reconhecido pelo poder público e pela academia como “religiões ayahuasqueiras”. Estas religiões, segundo Araújo (2009), apresentam uma formação sincrética de suas cosmologias,

unindo elementos de tradições religiosas diversas, dentre elas o catolicismo, o espiritismo kardecista, as religiões afro-brasileiras, além do próprio xamanismo indígena e do vegetalismo. Estes grupos são separados em três religiões principais: o Santo Daime, fundado por Raimundo Irineu Serra na década de 1930; a Barquinha, fundada em 1945 por Daniel Pereira de Mattos, ambas as religiões fundadas em Rio Branco, no Acre; e a União do Vegetal, fundada por José Gabriel da Costa em 1961 em Porto Velho, Rondônia. Todos estes grupos têm como ponto comum o uso da mesma bebida, porém apresentam diferenças em suas cosmologias, rituais e práticas.

Ademais, a partir da década de 2000 também passaram a ser fundadas novas organizações com práticas distintas às tradições religiosas ayahuasqueiras, estes grupos denominados por Labate (2004) como “neoayahuasqueiros” são conhecidos por associarem outros tipos de práticas aos rituais em que há o consumo da bebida, como técnicas de meditação e terapia corporal, além de atividades culturais relacionados à arte, como pintura, teatro e música. Isto mostra a diversidade de grupos e contextos do uso da ayahuasca no país.

As controvérsias em torno do uso da ayahuasca residem no fato de ela conter como princípio ativo a N-N-dimetiltriptamina (DMT), presente nas folhas da chacrona, e que é uma substância proscria pela Convenção de Substâncias Psicotrópicas (CSP) da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1971, o que gera uma série de debates sobre o uso desta bebida em diferentes contextos (Assis; Labate, 2014).

O fenômeno das religiões ayahuasqueiras e os grupos que surgiram a partir destes passam a se expandir principalmente a partir da década de 1970, quando começam a ser fundadas organizações em outros locais para além da região Norte do país. Este movimento de aumento de escala do fenômeno, em que atualmente são encontradas organizações em diversas regiões do Brasil, mas também em outros países das Américas do Sul e do Norte, da Europa e da Ásia, segundo Assis e Labate (2014), pode estar relacionado a alguns fatores como: a emergência do movimento da contracultura, onde as pessoas passam a buscar experiências de estados alterados de consciência através do uso de substâncias psicoativas; além da emergência do movimento ambientalista, onde as questões socioambientais passaram a ganhar maior atenção no debate global.

Neste contexto, o fenômeno do uso da ayahuasca encontrou campo fértil para sua expansão, haja vista que são religiões que possuem como elemento central o uso desta substância psicoativa, além de construírem relações próximas com os ambientes em que

estão inseridos, que refletem em altas taxas de preservação ambiental (Thevenin, 2017) e na adoção de sistemas de cultivo que propiciam qualidade ambiental (Hoffmann, 2011; Monteles, 2020). Isto mostra suas conexões tanto com o movimento da contracultura quanto com o ambientalismo, o que contribuiu para sua expansão.

Logo, este artigo tem como objetivo compreender as relações entre sustentabilidade, economia ecológica e religião. Através de um breve debate sobre o conceito de sustentabilidade e sua relação com os princípios desta vertente da economia, realizando diálogo com a observação da atuação destes grupos em seus territórios. Além da análise da preservação e das mudanças no contexto econômico de suas práticas culturais na medida em que o fenômeno expande.

Materiais e metodologia da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico e documental em duas frentes distintas, por um lado foram abordados os materiais referentes a vertente da economia ecológica, observando os princípios que a direcionam. Por outro lado, foram abordados materiais relacionados à trajetória dos grupos ayahuasqueiros, sobretudo no que diz respeito à interação entre estes atores e o ambiente em que se localizam, com foco em seus impactos ambientais, além das dinâmicas relacionadas aos contextos de suas práticas culturais.

Para além do levantamento bibliográfico, também foi realizado trabalho de campo em três organizações do Santo Daime nas regiões Norte, Sudeste e Sul, em que houve a participação nos eventos de mutirão de plantio e coleta dos vegetais e de preparo da bebida, e nos rituais em que ela era consumida. Nestas incursões, realizadas entre 2022 e 2023, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os seus dirigentes, além de conversas informais com os demais membros vinculados a elas. As entrevistas abordaram conteúdos referentes às questões socioeconômicas e culturais, como as práticas, a cosmologia, e as relações econômicas destes atores, além de aspectos relacionados às questões ambientais, como as técnicas de cultivo e coleta dos vegetais, e elementos atrelados à conservação florestal em suas propriedades.

A organização da região Norte localiza-se em Rio Branco no Acre, e foi fundada no ano de 1997, esta é a sede a qual as demais organizações estudadas são vinculadas, e possui cerca de trinta membros. Já a organização da região Sudeste está localizada no estado de São Paulo e foi fundada no ano de 2008 em Sorocaba, posteriormente migrando para Tapiraí no

ano de 2018, ela possui cerca de 20 membros. Por fim, a organização da região Sul está localizada em Paranaguá no Paraná, foi fundada no ano de 2011 e possui cerca de trinta membros.¹ Os dados obtidos no trabalho de campo foram analisados em diálogo com os dados do levantamento bibliográfico, em uma abordagem comparativa.

O artigo estrutura-se em diferentes seções. Inicialmente é feita uma breve contextualização e discussão sobre o conceito de sustentabilidade e sua relação com a economia ecológica. Na sequência, analisamos a atuação dos grupos ayahuasqueiros sob a perspectiva desta vertente da economia, com foco na interação entre os princípios que a direcionam e as práticas desses atores. Já a segunda seção é dedicada à análise do contexto econômico em que estão inseridas suas práticas culturais, através da observação das dinâmicas tradicionais presentes na origem do fenômeno e sua alteração ou não pelos diversos grupos na expansão do uso da bebida. Por fim, serão apresentadas as conclusões da pesquisa, relacionadas à análise da sustentabilidade destes grupos no território nacional.

A atuação dos grupos ayahuasqueiros sob a perspectiva da economia ecológica

Antes de tratar propriamente da análise da atuação dos grupos ayahuasqueiros sob a perspectiva da economia ecológica, será feita uma breve discussão sobre o conceito de sustentabilidade, contextualizando seu histórico e nuances para a compreensão de como este elemento é abordado nesta pesquisa. O termo sustentabilidade foi inicialmente utilizado há cerca de mais de 300 anos pelo diretor de mineração alemão Carl von Carlowitz, ao escrever, no ano de 1713, um tratado sobre silvicultura em que introduz a ideia do manejo florestal sustentável a partir do controle e estabelecimento de um limite no número de corte de árvores maduras, que permitisse a continuidade de reposição de um número de árvores equivalentes àquele explorado, contribuindo para a manutenção da floresta e sua exploração a longo prazo (Michelsen *et al.*, 2016). Observa-se a origem deste conceito que posteriormente ganhará maior foco e proporções no contexto global.

As discussões sobre a temática da sustentabilidade ganharam maior notoriedade a partir da década de 1970, quando a Conferência de Estocolmo de 1972 trouxe o início do debate sobre as questões de aumento na escala de produção e consumo, e seu reflexo na escassez de recursos, assim como sobre a poluição e degradação dos ecossistemas. Neste

¹ Os nomes das organizações e de seus dirigentes entrevistados serão preservados com objetivo de atender aos critérios estipulados pelo Comitê de Ética ao qual a pesquisa foi submetida e aprovada.

contexto, um grande marco para as discussões sobre o tema foi a elaboração do Relatório Nosso Futuro Comum, publicado no ano de 1983 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, nomeada pelas Nações Unidas e conhecida como Comissão Brundtland.

O documento é conhecido por publicizar o conceito de desenvolvimento sustentável, trazendo perspectivas intrageracionais e intergeracionais, no sentido da garantia de suprir as necessidades das gerações atuais sem comprometer que as gerações futuras possam fazer o mesmo. Estes fatos vão resultar na organização da Cúpula da Terra, em 1992 no Rio de Janeiro, onde houve a continuidade dos debates sobre o tema (Michelsen *et al.*, 2016). Já no ano de 2002, esta temática ganha atenção através da realização da Conferência de Joanesburgo na África do Sul. E posteriormente, novamente no Rio de Janeiro em 2012, as questões sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade continuaram a ser discutidas na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio +20. Isto mostra como este debate foi paulatinamente ganhando maior espaço no âmbito da sociedade, seja na academia, na política, na mídia e nas relações socioambientais.

Atualmente, essas discussões resultaram na elaboração dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), através da articulação entre diversos atores pela Organização das Nações Unidas. Estes objetivos são separados entre dezessete temas distintos, muitos deles apresentando correlações entre si, sobre os quais a sociedade deve ter uma atenção especial para que se alcance um desenvolvimento qualitativo nas próximas décadas. Aqui serão elencados três desses objetivos, e que de alguma forma apresentam relações com esta pesquisa: Objetivo número dois - Fome zero e agricultura sustentável - as relações com este objetivo se dão principalmente na questão da adoção de sistemas de cultivo sustentáveis, como sistemas agroflorestais associados à produção de alimentos orgânicos, nos cultivos do cipó e da chacrona; Objetivo número quinze - Vida terrestre - a interação com este objetivo acontece sobretudo pelo manejo florestal sustentável e pela preservação de ecossistemas; Objetivo número onze - Cidades e comunidades sustentáveis - o diálogo com este objetivo ocorre principalmente no que diz respeito à análise da sustentabilidade de comunidades rurais em âmbito local (Organização das Nações Unidas, 2024). Logo, é possível compreender as relações entre os aspectos desta pesquisa e alguns dos ODS.

Voltando à discussão sobre o conceito de sustentabilidade, para Veiga (2019), sua construção deriva da reflexão entre dois campos do saber: a ecologia e a economia. Enquanto

a ecologia tem o foco nas questões relacionadas à conservação das características necessárias ao bom funcionamento dos ecossistemas, o que está diretamente relacionado à noção de resiliência destes ambientes; a economia possui como foco os elementos relacionados à manutenção do sistema econômico.

Através da interação entre estas áreas do conhecimento surge a ideia da sustentabilidade, porém, o autor aponta que este é um conceito que atualmente possui uma utilização excessiva, possuindo múltiplos significados, o que sugere aspectos distintos. Se por um lado a apropriação do conceito por diversos atores mostra uma certa legitimação sua, por outro lado a falta de um significado preciso dá margem para diferentes visões e aplicações do conceito, inclusive por atores que não estão realmente comprometidos com as causas socioambientais.

O objetivo desta discussão não é propor uma definição específica do conceito de sustentabilidade, mas sim trazer a noção de que a construção deste termo possui uma trajetória histórica, além de determinadas imprecisões que implicam em diferentes aplicações. Neste sentido, nesta pesquisa buscou-se observar a sustentabilidade dos grupos ayahuasqueiros através da perspectiva de interação entre as dimensões econômica e ambiental, numa abordagem multidimensional. Este tipo de abordagem relaciona elementos de diferentes dimensões, em contrapartida à abordagem unidimensional em que é priorizada determinada dimensão em detrimento das demais (Michelsen *et al.*, 2016).

Desse modo, foi dado enfoque em ambas as dimensões e suas interações, os aspectos relacionados à dimensão econômica estão atrelados ao aumento de escala do fenômeno do uso da ayahuasca, o que gera uma maior demanda pela bebida e uma consequente pressão sobre as espécies vegetais que a compõe. Já em relação à dimensão ambiental foi observada a interação destes grupos com o ambiente que estão inseridos, sobretudo no que diz respeito à conservação das espécies do cipó, da chacrona e de seu habitat. Através da interação entre estes elementos é que a pesquisa se propõe a observar a sustentabilidade destes grupos no Brasil numa perspectiva intrageracional e intergeracional, observando o modo como os grupos suprem suas necessidades atuais e como isto pode ocorrer para as gerações futuras na trajetória do fenômeno.

Para abordar as questões referentes à sustentabilidade dos grupos ayahuasqueiros, englobando aspectos econômicos e ambientais, surge a proposta de observação destes elementos sob a perspectiva da economia ecológica. Esta vertente surge como uma alternativa que diverge em alguns pontos da economia ambiental neoclássica, uma das

principais diferenças que esta nova abordagem trouxe está na noção de que existem limites ecossistêmicos para o crescimento econômico, o que reflete em limites para a exploração do capital natural. Nesta perspectiva, o capital natural não pode ser completamente substituído pelos demais tipos de capitais, dentre eles o capital social, produzido, entre outros (Goodland, 1995; Farley, 2010, 2016; Cechin; Veiga, 2010).

Percebe-se deste modo as diferenças entre ambas as vertentes, enquanto na economia ambiental neoclássica não há limites para a substituição do capital natural, desde que isto seja acompanhado por um aumento nos demais capitais, justificando o excesso de exploração dos recursos naturais. Na economia ecológica as questões sobre a preservação do capital natural vão estar relacionadas à regra da complementaridade, na qual os diferentes tipos de capitais são complementares entre si, considerando o capital natural como um elemento essencial para o bom funcionamento dos demais capitais, propondo limites para sua exploração para que seja garantida a provisão de recursos naturais e de serviços ecossistêmicos (Von Hauff, 2016). Portanto, enquanto a economia ambiental neoclássica está relacionada ao conceito de sustentabilidade fraca, a economia ecológica dialoga com o conceito de sustentabilidade forte e que representa uma das dimensões do ambientalismo, podendo ser denominada como uma abordagem comunalista em que é adotada uma postura preservacionista dos recursos naturais (Oliveira; Montaña; Souza, 2009).

Neste contexto, existem dois elementos centrais que surgem como preocupação nesta abordagem e que vão estar diretamente relacionados à sustentabilidade socioambiental, que seriam a questão da escala de consumo de recursos e a geração de resíduos, pontos fundamentais trabalhados pela economia ecológica (Cechin; Veiga, 2010). A partir dessas considerações relacionadas aos princípios que direcionam esta abordagem, serão feitas correlações entre esses elementos e a atuação dos grupos, com foco em sua sustentabilidade.

Perspectivas dos próprios grupos sobre a sustentabilidade do fenômeno no longo prazo

Em relação aos pontos expostos acima, e atrelados ao contexto dos grupos ayahuasqueiros, inicialmente tratando da questão de geração de resíduos do processo produtivo da ayahuasca, isto não representa grandes impactos para estes atores, uma vez que o resíduo que provém da produção do chá é apenas o material vegetal, que é colocado para a secagem e compostagem, para posterior utilização como adubo nos próprios cultivos do cipó e da chacrona.

Entretanto, é importante apontar que a questão da escala de consumo de recursos é sim um ponto relevante a se observar na medida em que os grupos expandem, uma vez que há uma maior demanda pela bebida, assim como uma maior exploração das espécies que a compõe. Este fenômeno religioso e cultural tem a peculiaridade de ter como base o uso de um chá feito a partir de dois vegetais, o que o diferencia de outros movimentos, sendo que sua sustentabilidade está diretamente relacionada à oferta do cipó e da chacrona em ambientes propícios ao seu bom desenvolvimento. Portanto, para que seja garantida a manutenção das práticas desses atores é necessário que seja tratada com atenção a questão da conservação ambiental, uma vez que a oferta destes vegetais em seu habitat pode ser considerada um fator limitante na expansão dos grupos.

Neste sentido, as observações de campo mostram que os grupos estudados não possuem um caráter expansionista em sua conduta, notou-se a preocupação com a discrição na divulgação sobre a realização dos rituais, que são divulgados internamente entre os membros das organizações, ou em grupos exclusivos de redes sociais em que participam apenas os membros filiados a elas. Observou-se também a prática de não se convidar novatos para a participação das cerimônias, consentindo em levar alguém apenas se for de próprio interesse da pessoa. Esta é uma prática desenvolvida pelo fundador do Santo Daime e que ainda é mantida pelos membros dessas organizações.

Ainda que os grupos estudados não possuam um viés expansionista, a questão da sustentabilidade do fenômeno é foco destes atores na manutenção de suas práticas. Desse modo, os dados colhidos em campo mostram que a questão da escassez da ayahuasca em um contexto de expansão do seu uso no território nacional já era um ponto de preocupação desde a origem do fenômeno. Segundo relato do dirigente da organização acreana que foi entrevistado, o fundador do Santo Daime, Raimundo Irineu, já apresentava preocupações em relação ao atendimento da demanda pela bebida no futuro.

Foi relatado que Irineu afirmava que chegaria o tempo em que o chá seria escasso, e que as pessoas procurariam as organizações para tomar a bebida e ela não seria suficiente para todos. Neste contexto, inicialmente Irineu declarava que quando este tempo chegasse apenas aqueles que já fossem adeptos da religião poderiam continuar realizando os rituais. Porém, posteriormente foi relatado que o fundador da religião mudou de ideia sobre este aspecto, dizendo que quando o chá fosse escasso seriam priorizados os novatos para o tomarem, de modo que os membros mais antigos, e que já tiveram mais tempo para aprender o que a bebida pode ensinar, deixariam de tomá-la em prol dos novatos, que chegariam

necessitando seus ensinamentos. Este é um elemento interessante, na medida em que a bebida é considerada pelos adeptos desta religião como um instrumento para o aprendizado, com foco na melhoria pessoal e aperfeiçoamento espiritual, e que em sua escassez seriam priorizados os que ainda não tiveram contato com estes ensinamentos.

A partir das observações de campo pode-se apontar que a possibilidade de ameaça à sustentabilidade do uso da ayahuasca pode ser condicionada pela redução da oferta das espécies vegetais que a compõe, assim como pela diminuição dos habitats em que estão inseridas. Logo, observando tanto os cultivos do cipó como da chacrona, observou-se que o primeiro parece ser um recurso mais escasso, enquanto a oferta do segundo é mais abundante. Neste sentido, pode-se apontar que a oferta do cipó parece ser o ponto mais frágil no processo produtivo da ayahuasca nos grupos estudados. Isto pode ser explicado por alguns fatores, primeiramente, parte dos grupos estudados se localizam nas regiões Sul e Sudeste, em ambientes distintos ao bioma amazônico do qual as espécies são nativas, o que propicia dificuldades adaptativas e o desenvolvimento mais lento dos vegetais (Antunes, 2023).

Outro ponto seria o maior tempo para a regeneração do cipó, que pode ser colhido novamente somente após um período de cerca de cinco anos. Já em relação à região Norte do país, a escassez destes recursos pode ser relacionada a fatores como o aumento das taxas de desmatamento (o que contribui para a redução de fragmentos florestais), além da expansão dos grupos ayahuasqueiros nestes locais (o que resulta em maior exploração desses recursos). Estes dados permitem observar as perspectivas futuras sobre a sustentabilidade do fenômeno em âmbito local e no cenário nacional.

Gestão territorial e conservação ambiental

Em um possível contexto de ameaça à sustentabilidade do uso da ayahuasca na medida em que os grupos expandem, se faz necessário observar como é feita a gestão territorial e de recursos florestais por estas organizações, e de que modo isto contribui para a manutenção de suas práticas. Este conteúdo foi anteriormente abordado quando foram analisadas as práticas dos grupos sob a perspectiva da sustentabilidade, observando a interface entre essas religiões e o ambientalismo (Antunes, 2024). Contudo, consideramos relevante retornar ao tema, uma vez que é de suma importância para a compreensão de um panorama sobre a sustentabilidade do fenômeno a nível local e nacional.

Neste sentido, a atuação dos grupos ayahuasqueiros em seus territórios é marcada por um caráter conservacionista no que diz respeito à preservação de ambientes de floresta. Sobre este aspecto, Thevenin (2017) mostra como os locais em que estas comunidades estão presentes são marcados por grande preservação ambiental. O autor realizou um estudo comparativo no estado de Rondônia sobre as taxas de cobertura vegetal das propriedades das comunidades ayahuasqueiras em relação às propriedades do entorno, e chegou a resultados que mostram como os ambientes em que estas comunidades estão inseridas apresentam altas taxas de cobertura vegetal em relação aos demais, chegando a superar o que se é estipulado pela legislação.

Segundo o autor, a expansão das atividades pecuárias na região resultou no aumento das taxas de desmatamento nesses locais, de modo que algumas das propriedades dos grupos ayahuasqueiros podem ser percebidas como ilhas de vegetação em meio ao entorno marcado pela ausência de floresta. Esta redução de fragmentos florestais na região também contribuiu para a diminuição da oferta do cipó e da chacrona em seu habitat natural.

As observações colhidas no trabalho etnográfico vão ao encontro dos dados expostos acima, isto fica evidente através da análise da presença de cobertura vegetal nas propriedades dos grupos ayahuasqueiros estudados. Segundo relatos colhidos entre 2022 e 2023, o dirigente da organização paulista afirmou que cerca de 95% dos 10 hectares totais da propriedade apresentam cobertura vegetal em estágio intermediário. Já em relação à organização paranaense, seu dirigente relatou que 14 dos 16 hectares totais da propriedade apresentam cobertura vegetal em estágio intermediário ou avançado. E o dirigente da organização acreana relatou que a propriedade possui cerca de 2 hectares de vegetação nativa em estágio intermediário. Logo, observa-se como a atuação destes grupos é marcada por um caráter conservacionista em relação à preservação de floresta nesses locais.

Para contextualizar a importância da floresta nestas propriedades é importante citar que este é o tipo de ambiente propício ao bom desenvolvimento do cipó e da chacrona. Thevenin (2017) indica que o cipó necessita de suporte arbóreo para seu crescimento, enquanto a chacrona necessita de sombreamento. Portanto, os ambientes florestais são mais adequados quando se trata do cultivo das espécies vegetais que compõem a ayahuasca, o que está diretamente relacionado às atividades conservacionistas no que diz respeito à preservação de floresta em seus territórios.

Vale ressaltar que os grupos vêm adotando medidas que contribuem para a sustentabilidade do fenômeno em âmbito local. Além da conservação de floresta nativa, os

estudos também apontam a adoção de métodos de cultivo que propiciam maior harmonia com o ambiente, dentre eles destacam-se os cultivos em sistemas agroflorestais, que vem sendo uma prática comum nessas organizações (Hoffmann, 2011; Thevenin, 2017; Monteles, 2020). Isto também foi observado na organização paranaense, na qual o cultivo do cipó e da chacrona acontece em um sistema agroflorestal de aproximadamente 1 hectare, em conjunto com alimentos orgânicos. Ademais, para além das técnicas de cultivo, esses atores também vêm adotando técnicas de coleta conservacionistas, que permitem a regeneração dos vegetais (Corrêa, 2011; Tadeshi, 2011).

Os dados de campo convergem com a literatura, foi observado que o cipó é coletado deixando-se a raiz e parte das ramas do vegetal ou uma parte acima do solo, que permita seu rebrote, e é desemaranhado da árvore suporte de modo que se evite danos a ambos os vegetais. Já sobre a chacrona, as folhas são coletadas de modo que se preserve as folhas mais novas, localizadas próximo às extremidades dos galhos, para que seja permitida a renovação foliar.

Portanto, observa-se o caráter conservacionista na atuação destes grupos numa perspectiva local, mas também no contexto nacional, na medida em que suas práticas são marcadas por uma postura preservacionista dos recursos naturais, seja pela conservação de floresta em suas propriedades, seja pelo desenvolvimento de métodos de cultivo que propiciem qualidade ambiental, ou pela adoção de técnicas de coleta conservacionistas que permitem a regeneração dos vegetais e a manutenção dos ecossistemas em que estão inseridos.

O comportamento ambientalmente adequado destes atores na gestão de seus territórios pode ser relacionado a alguns fatores. Inicialmente, é possível apontar a própria necessidade de cultivo do cipó e da chacrona como uma alternativa à escassez destes recursos em seu habitat natural, o que promove a conservação de florestas nessas comunidades, haja vista que este é o melhor ambiente para o desenvolvimento dessas espécies. Porém, é importante citar que esta conduta conservacionista também pode ser influenciada por aspectos contidos na cosmologia dos grupos.

Através de análise anterior, foi observado como se constroem as relações de conexão entre os elementos da cosmologia do Santo Daime e a natureza, seja através de experiências fundamentais na construção da religião por seu fundador, também no culto aos elementos naturais através da produção cultural religiosa, ou até mesmo na preferência dos adeptos pela realização dos rituais em organizações localizadas em zonas rurais com grande presença de

florestas (Antunes, 2024). Deste modo, fica evidente como esta postura preservacionista é influenciada por uma série de aspectos.

Foi observado através do trabalho etnográfico realizado nas organizações do Santo Daime, dados que mostram que para estes atores o ideal de sacralidade está presente no conceito de que a bebida e os vegetais que a compõe são considerados sagrados, este ideal também pode se estender para a natureza em um contexto mais amplo. Logo, isto parece contribuir de forma positiva para adoção de certas medidas conservacionistas desses grupos, sobretudo no que diz respeito à preservação de florestas em suas propriedades, além de refletir em determinados cuidados especiais no manejo das espécies vegetais no processo produtivo da bebida (Antunes, 2024).

Portanto, foi possível observar a atribuição de outro tipo de valor ao cipó, à chacrona e à floresta, valor que se estende para além da visão utilitarista do capital natural, distanciando-se desta perspectiva e de certo modo aproximando-se do que é entendido como o valor intrínseco da natureza, o que mostra uma proximidade entre os aspectos culturais destes grupos e o movimento ambientalista. Estes elementos também são observados por Thevenin (2017) ao estudar o contexto da União do Vegetal, segundo o autor o ideal de sacralidade da natureza contido nas crenças de alguns grupos pode influenciar positivamente na adoção de comportamentos ambientalmente benéficos. Isto mostra a convergência entre as análises.

A partir destas considerações é possível compreender as questões referentes à sustentabilidade destes grupos, englobando aspectos econômicos e ambientais. A observação de sua atuação sob a perspectiva da economia ecológica mostra certa coerência nas práticas desses atores com os princípios que direcionam esta vertente da economia. Isto fica evidente sobretudo nas medidas conservacionistas que resultam na proteção de ambientes de floresta em suas propriedades, o que vai ao encontro dos ideais de preservação do capital natural. A conservação do cipó, da chacrona e da floresta é de suma importância para a manutenção deste fenômeno, haja vista que sua oferta em ambientes adequados pode ser considerada um fator limitante na expansão dos grupos.

Neste sentido, a análise mostra que estes atores vêm buscando adotar medidas que contribuam para a sua sustentabilidade em âmbito local, através da preservação de ecossistemas, o que é estimulado pelas próprias características necessárias ao bom desenvolvimento dos vegetais que compõem a bebida, assim como por ideais relacionados à

atribuição de valores distintos aos elementos naturais, o que resulta em comportamentos que contribuem para a qualidade ambiental.

O contexto econômico das práticas culturais dos grupos ayahuasqueiros

Para tratar sobre o contexto econômico em que estão inseridas as práticas culturais dos grupos ayahuasqueiros é necessário compreender alguns elementos relacionados à origem deste fenômeno nas zonas rurais do bioma amazônico, observando como estas práticas foram desenvolvidas pelos fundadores dessas religiões e de que modo elas foram ou não modificadas na trajetória de expansão do uso da ayahuasca.

No início do fenômeno das religiões ayahuasqueiras, na região Norte do país, é possível apontar uma prática comum desenvolvida entre esses grupos em relação ao contexto econômico relacionado ao uso da bebida. Neste sentido, Moreira e MacRae (2011) indicam como Raimundo Irineu, na origem do Santo Daime, passou a desenvolver a prática de não cobrar nenhum tipo de contribuição financeira para a participação dos rituais em que era consumida a bebida. Segundo os autores, este princípio foi revelado ao fundador dessa religião por sua guia espiritual, denominada como “Clara”, e que lhe passava instruções e ensinamentos sobre como proceder em relação aos fundamentos que marcariam sua religião. Isto fica evidente no depoimento de alguns de seus mais antigos seguidores, como Luís Mendes e Dona Percília Ribeiro, que discorrem sobre a interação entre Irineu e Clara nas revelações sobre a origem do Santo Daime:

Após cumprida a dieta, ela chegou para ele, clara como a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

“Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.”

“Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito Trabalho!” (Nascimento, 1992, p.14-158² *apud* Moreira; MacRae, 2011, p. 150).

[...] Porque, quando ele começou a trabalhar, ela perguntou o que é que ele queria. Ele disse que queria ser o melhor curador. Aí, ela disse: “Você tem esse poder, mas tem uma coisa, você nunca cobre dinheiro pela cura que você faz. Todas as curas que você fizer não tem direito de cobrar nenhum dinheiro por estas coisas. Porque se você pedir dinheiro por essas curas, você vai pedir força é ao dinheiro e não do poder divino” (Dona Percília Ribeiro *apud* Moreira; MacRae, 2011, p. 151).

² Nascimento, L. M. Depoimento. **Revista do 1º Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra**. Rio de Janeiro: Beija-flor, 1992.

Para além do contexto do Santo Daime, Magalhães (2016) discorre como na origem da Barquinha seu fundador Daniel Pereira era conhecido por levar uma vida humilde e simples, construindo uma relação próxima e de devoção de seus seguidores a São Francisco de Assis, santo católico conhecido por ter feito votos de pobreza. Neste contexto, pode-se observar pontos comuns em ambas as religiões, já que em seu momento inicial o uso da ayahuasca estava intrinsecamente ligado à questão da caridade, de modo que esta pode ser considerada como uma regra informal em uso por estes atores, e que refletia em como eram moldadas as estruturas do fenômeno.

Fazendo uma comparação entre o contexto histórico e o cenário atual, nota-se que esta prática de não cobrança para participação dos rituais, que se inicia com os fundadores dessas religiões, ainda é mantida nas organizações do Santo Daime em que foi realizado o trabalho etnográfico. No início do ritual o participante deve assinar um livro com seu nome para registrar sua presença, ao lado do livro fica uma caixa que permanece fechada, onde é possível depositar voluntariamente sua contribuição financeira. Este é um aspecto relevante, na medida em que mostra o rigor dos membros dessas organizações em manter as práticas tradicionais que foram desenvolvidas na origem da religião, e de certo modo preservam os princípios e ensinamentos deixados por seu fundador.

Em um cenário de expansão do uso da ayahuasca, os contextos econômicos relacionados às práticas dos grupos vão passar por algumas mudanças, de modo que este não representa um fenômeno estático, sobre o qual não há nenhum tipo de alteração. Neste sentido, Tupper (2017) traz uma perspectiva distinta em relação ao contexto atual de uso da bebida, considerando que na medida em que os grupos expandem e aumenta a demanda pelo chá, ele pode adquirir o caráter de uma commodity. Logo, a expansão do uso da ayahuasca pode ser considerada não só como um fenômeno cultural e religioso, mas também como um fenômeno econômico.

O autor indica que a expansão desses grupos gera uma série de dinâmicas distintas ao que se era observado anteriormente na origem do movimento, sobretudo na construção de novos mercados relacionados ao uso da ayahuasca, nos quais existem a comercialização da bebida e das espécies vegetais que a compõe, assim como a cobrança de taxas para a participação dos rituais. Estes fatos também são observados por Labate (2005), que indica a existência de comercialização via mercados na internet, assim como a exploração através de uma proposta de turismo xamânico que atrai estrangeiros para a América do Sul.

Neste contexto, nota-se como a expansão do fenômeno faz com que sejam adquiridas características distintas ao que se era observado em sua origem. Para Tupper (2017) a ayahuasca pode ser comparada com outros tipos de commodities, como por exemplo o tabaco, indicando que há o risco de que as práticas que marcaram a tradição do uso da ayahuasca sejam modificadas na medida em que o seu uso expande para outras regiões, assim como ocorreu com o tabaco. Contudo, vale salientar as diferenças entre ambas as substâncias psicoativas, tanto em relação aos seus efeitos quanto em relação aos contextos em que seu uso está inserido, portanto, é difícil realizar uma previsão de que a ayahuasca poderia sofrer os mesmos resultados que o tabaco no processo de expansão dos grupos.

É possível observar o desenvolvimento das comunidades ayahuasqueiras a partir dos mercados relacionados à expansão do uso da bebida, seja por sua produção e distribuição, ou então pelo fluxo de pessoas que buscam estes lugares. Portanto, este incremento promovido pela cultura ayahuasqueira pode ser observado por duas perspectivas distintas, por um lado promove o desenvolvimento de determinadas comunidades que possuem dificuldades no acesso a recursos financeiros, mas, por outro lado, existe uma tendência à perda da cultura tradicional desse fenômeno, o que pode comprometer seu reconhecimento e legitimação.

Os dados colhidos em campo corroboram essas afirmações, de modo que também foi observada a existência de grupos com características distintas ao que se observa nas tradições religiosas ayahuasqueiras. Isto fica evidente através da figura apresentada abaixo, onde há o convite para a participação de um ritual de uma organização neoayahuasqueira.

Figura 1: Card Ritual Organização Neoayahuasqueira.



Fonte: Grupo de WhatsApp Organização Neoayahuasqueira, fevereiro de 2023.

Através da imagem exposta percebe-se como a expansão desses grupos vêm trazendo algumas dinâmicas socioeconômicas diferentes ao que se era encontrado na origem do fenômeno. Nota-se o caráter expansionista dessas novas organizações, considerando que são produzidos convites digitais que circulam pelas redes sociais com objetivo de atrair um número maior de participantes, também é possível apontar a contribuição financeira obrigatória para a participação no ritual, além da utilização de outras substâncias psicoativas durante a realização da cerimônia. Todas estas mudanças apontadas mostram como o fenômeno do uso da ayahuasca vai adquirindo uma diversidade a partir do surgimento de novos grupos pelo território nacional e internacionalmente, o que mostra o caráter orgânico deste movimento, que vai se adaptando e se moldando dentro dos contextos nos quais se insere.

Essas mudanças que são incorporadas pelos grupos na medida em que o uso da ayahuasca expande podem em parte serem explicadas por características inerentes à própria construção deste fenômeno. Um exemplo disto é o fato dessas religiões possuírem um grande sincretismo na construção de suas cosmologias, que para Araújo (2009) está representado pela incorporação de elementos de religiões distintas em suas crenças. Além deste fator, destaca-se a própria característica de miscibilidade, que Assis e Labate (2014) definem como esta mesma capacidade de incorporação de elementos de culturas distintas. Portanto, a partir destas informações é possível observar como a incorporação de mudanças na cosmologia, nas práticas e nos rituais dessas organizações durante o processo de expansão do uso da ayahuasca parece ser um processo natural e inevitável, na medida em que são fundados diversos grupos em outras regiões do país e internacionalmente, carregando os mais diversos contextos. Isto reforça a importância dos dados obtidos através trabalho etnográfico nas organizações do Santo Daime, que mostram o rigor daqueles grupos em preservar as tradições presentes na origem do fenômeno.

Relações comerciais: repasse, autossuficiência e sustentabilidade

Sobre os aspectos ligados ao contexto econômico em que estão inseridas suas práticas, vale indicar que no cenário nacional a regulamentação do uso da ayahuasca no âmbito das políticas sobre drogas pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD) estipula que a comercialização do chá com intuito de gerar lucro é incompatível com as diretrizes para a manutenção do uso religioso da bebida no país, o Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), formado por profissionais de diversas áreas e também

por membros vinculados às organizações ayahuasqueiras, traz o seguinte trecho em seu relatório final:

O GMT reconhece o caráter religioso de todos os atos que envolvem a ayahuasca, desde a coleta das plantas e seu preparo, até seu armazenamento e ministração, de modo que seu praticante de tudo participa com a convicção de que pratica ato de fé e não de comércio. Daí decorre que o plantio, o preparo e a ministração com o fim de auferir lucro é incompatível com o uso religioso que as entidades reconhecem como legítimo e responsável.

Quem vende Ayahuasca não pratica ato de fé, mas de comércio, o que contradiz e avilta a legitimidade do uso tradicional consagrado pelas entidades religiosas (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, 2006, p.7).

Observa-se como a regulamentação destes grupos no cenário nacional busca garantir a preservação das tradições presentes na origem dessas religiões. O órgão reconhece que a produção da ayahuasca envolve uma série de custos, entre eles: a disponibilidade do materiais vegetais, que podem ser adquiridos de outras organizações; a infraestrutura para a produção da bebida, que envolve a construção da casa de feitiço, onde há o salão para o beneficiamento dos vegetais assim como a fornalha para seu cozimento; os custos com a lenha utilizada durante a produção da bebida; além de alimentos e materiais de higiene pessoal para os participantes do mutirão em que o chá é feito. Logo, o custeio da produção da ayahuasca deve ser compartilhado entre os membros das organizações. Ademais, o órgão também indica que os grupos devem desenvolver cultivos próprios do cipó e da chacrona, buscando sua autossuficiência e evitando que outras entidades se dediquem exclusivamente à produção e distribuição da bebida (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, 2006).

Sobre esta questão de comercialização da ayahuasca, foi possível notar através do trabalho etnográfico que as relações econômicas estabelecidas entre os membros daquelas organizações do Santo Daime são cercadas de determinados contextos, nos quais existem certos cuidados específicos na construção das dinâmicas de troca entre esses atores. Isto fica evidente na utilização de determinados termos, como por exemplo o uso da palavra “repassa” para se referir à troca entre o recurso financeiro na aquisição do chá ou dos vegetais por estas essas organizações, evita-se então a utilização da palavra “venda”.

A adoção do primeiro termo em detrimento do segundo está atrelada ao ideal de sacralidade presente na ayahuasca, no cipó e na chacrona, que por serem considerados enquanto sagrados não estariam à venda pelas organizações. É óbvio que a troca entre o recurso financeiro na aquisição do chá ou dos vegetais por essas entidades representa uma

relação comercial, contudo, vale salientar o cuidado dos grupos na construção dessas relações, onde a opção de usar um termo em detrimento de outro carrega todo um contexto atrelado à cosmologia da religião e à valorização da bebida e das plantas que a compõe.

Especificamente sobre a questão dos valores de repasse da ayahuasca, do cipó e da chacrona, é possível dizer que esta é uma questão delicada a se tratar entre os grupos. Este foi um ponto que surgiu durante a construção da pesquisa, quando membros vinculados às organizações apontaram que tratar sobre o valor monetário de repasse do chá ou dos vegetais poderia ser um ponto que traria certo desconforto para os dirigentes entrevistados, uma vez que os valores poderiam variar de uma organização para outra, além do aspecto de sacralidade destes elementos adotado pelos grupos. Deste modo, optou-se por abordar apenas os aspectos culturais relacionados às suas práticas econômicas, e não os valores atribuídos ao repasse.

Para além disso, também foi possível notar no trabalho etnográfico não só o repasse, mas também a doação das espécies vegetais para a produção do chá. Isto foi observado em maior escala para as folhas da chacrona, que parecem ser um recurso mais abundante, e em menor escala para o cipó, que parece ser um recurso mais escasso entre aqueles grupos. Este fato pode ser observado como um elemento positivo, na medida em que representa uma alternativa para aquelas organizações que querem produzir sua própria ayahuasca, mas não possuem os recursos vegetais suficientes para fazê-lo.

Neste contexto, ainda que o repasse da ayahuasca ou dos vegetais não seja visto como algo positivo por alguns grupos tradicionais, é possível afirmar que ele é fundamental para a manutenção das práticas de grupos que não são autossuficientes, considerando que a autonomia de uma organização ayahuasqueira depende de uma série de fatores, dentre eles: a oferta das espécies vegetais; a infraestrutura para a produção da bebida; e as pessoas para contribuírem com a mão de obra nos mutirões de feitiço. Neste sentido, vale citar que a única organização ayahuasqueira autossuficiente dentre aquelas estudadas é a sede acreana, que contribui com repasse para as demais. Contudo, é importante indicar que esta organização incentiva a busca pela autonomia das demais entidades. Para isto, são feitas doações de sementes e mudas do cipó e da chacrona, além do auxílio na construção da casa de feitiço, para que cada uma delas consiga produzir sua própria ayahuasca, mesmo que ainda não seja em quantidade suficiente para o consumo anual, e necessite adquirir outra parte. Isto contribui para a sustentabilidade destes grupos em âmbito local e no cenário nacional.

A partir dessa análise é possível depreender a complexidade do contexto econômico em que estão inseridas as práticas culturais desses grupos. Isto fica evidente através da observação da trajetória histórica deste fenômeno, em que determinadas práticas presentes nas tradições dessas religiões passam a ser preservadas por determinados grupos, e alteradas por outros. Isto mostra como a expansão do uso da ayahuasca vem trazendo uma série de dinâmicas socioeconômicas distintas, na medida em que há um aumento de escala do fenômeno, o que reflete em características diferentes ao que se era observado na origem destes movimentos religiosos.

Conclusões

Neste artigo buscou-se analisar as relações entre sustentabilidade, economia ecológica e religião, através da observação dos aspectos econômicos e ambientais atrelados às práticas dos grupos ayahuasqueiros no território nacional. Para isto, inicialmente foi discutido brevemente o conceito de sustentabilidade, contextualizando sua trajetória histórica e nuances, para a compreensão de como o termo é abordado na pesquisa. Neste sentido, buscou-se relacionar as dimensões econômica e ambiental através de uma abordagem multidimensional, observando os aspectos econômicos atrelados à expansão do uso ayahuasca, que refletem em uma maior demanda pela bebida e uma maior exploração das espécies vegetais que a compõe. E os aspectos ambientais relacionados à conservação do cipó, da chacrona e da floresta.

Observando o modo como os grupos atendem suas necessidades atuais e de que modo isto poderá ser realizado pelas gerações futuras. Estes dados foram analisados a partir da perspectiva da economia ecológica, mostrando certa coerência entre os princípios que direcionam esta vertente e a atuação desses grupos, sobretudo no que diz respeito às práticas conservacionistas que direcionam a gestão de seus territórios e os ideais de preservação do capital natural contidos nesta abordagem.

Neste contexto, os dados colhidos no trabalho etnográfico mostram que a preocupação com o aumento de escala do fenômeno e um possível cenário de escassez da bebida, ocasionado pela sua maior demanda, já era foco de atenção desde a origem do fenômeno. Isto fica evidente através do relato colhido com o dirigente da organização acreana sobre o fundador da religião do Santo Daime, informando os ensinamentos deixados por Raimundo Irineu sobre a priorização de novatos para tomarem o chá em detrimento dos membros mais antigos, no caso deste cenário. Os motivos para esta decisão estariam

relacionados ao maior tempo que os membros mais antigos tiveram para aprender os ensinamentos contidos na bebida, atrelados a uma noção de melhoria pessoal e espiritual, e que os novatos chegariam necessitando desse conhecimento.

Um cenário de escassez da ayahuasca durante a expansão do fenômeno pode ser condicionado por alguns fatores como: a redução de fragmentos florestais, que diminui a existência de habitats adequados ao crescimento do cipó e da chacrona; o excesso de exploração destes recursos florestais, ocasionado pelo aumento do número de organizações. Isto mostra como a oferta do cipó e da chacrona em ambientes de floresta pode ser considerada como um fator limitante na expansão dos grupos. Contudo, vale salientar que os dados colhidos tanto na análise bibliográfica quanto no trabalho de campo mostram que esses atores apresentam um caráter conservacionista em suas práticas na gestão de seus territórios. Isto é observado através das altas taxas de preservação de floresta em suas propriedades, na adoção de técnicas de cultivo que propiciam qualidade ambiental, como os sistemas agroflorestais, além da utilização de técnicas de coleta conservacionistas que permitem a regeneração dos vegetais.

Logo, a adoção de comportamentos que contribuam para a preservação ambiental são influenciadas tanto pela necessidade de cultivo do cipó e da chacrona em ambientes de floresta, quanto por elementos contidos na cosmologia dos grupos, onde há a atribuição de outro tipo de valores à ayahuasca, aos vegetais e à natureza, considerando-os enquanto elementos sagrados, afastando-se da visão utilitarista do capital natural e de certo modo se aproximando da visão de valor intrínseco da natureza. O que mostra uma proximidade entre a cultura destes grupos e o ambientalismo.

Também foram abordados os aspectos relacionados ao contexto econômico em que estão inseridas suas práticas culturais. Neste sentido, tratou-se de elementos referentes às práticas tradicionais desenvolvidas pelos fundadores das religiões ayahuasqueiras, e de que modo elas foram ou não alteradas em determinados grupos durante a expansão do fenômeno. As observações de campo mostraram a existência tanto de grupos que mantêm as tradições desenvolvidas na origem do fenômeno, sobretudo na questão da não cobrança financeira para a participação dos rituais, quanto grupos com práticas distintas a essas, em que se notou a indicação de cobrança obrigatória para a participação das cerimônias.

Também foram observados outros tipos de mudanças incorporadas nas práticas desses atores, o que mostra o caráter orgânico do fenômeno do uso da ayahuasca, que se

adapta a novos contextos na medida em que são fundados outros grupos em locais distintos, o que parece ser um processo natural e inevitável na trajetória deste movimento.

Ademais, foram tratados outros elementos relacionados ao contexto de suas práticas, observando certos cuidados nas dinâmicas de trocas entre as organizações, sobretudo na utilização de determinados termos na construção destas relações, como a palavra “repassa” em detrimento da palavra “venda”, para se referir a aquisição tanto do chá quanto das espécies vegetais pelas entidades. Esta opção é motivada pelos ideais de sacralidade desses elementos, que não estariam à venda. Mesmo se tratando de relações comerciais entre os grupos, este cuidado revela o comprometimento dos atores com os elementos contidos na cosmologia dessas religiões, e que são importantes para sua legitimação. Logo, foram priorizados esses dados relacionados ao contexto cultural de suas práticas em detrimento dos valores monetários de repasse, isto foi motivado principalmente para se evitar constrangimentos nas entrevistas colhidas no trabalho etnográfico, como sugerido pelos membros daquelas organizações.

Por fim, ainda que o repasse da ayahuasca e dos vegetais que a compõe não seja bem visto por determinadas organizações tradicionais, é importante indicar que ele é fundamental para diversas organizações que não são autossuficientes. A sustentabilidade de uma organização ayahuasqueira depende de uma diversidade de fatores como: a oferta do cipó e da chacrona em ambientes adequados ao seu desenvolvimento; a construção de infraestrutura necessária para a produção da bebida; a coesão e comprometimento dos membros para a realização dos mutirões em que o chá é feito. Portanto, a autossuficiência destas entidades não é uma questão simples, e a articulação e contribuição entre os grupos, seja através da doação ou repasse dos vegetais, do auxílio no desenvolvimento das infraestruturas e na produção da ayahuasca, é essencial para garantir a sustentabilidade do fenômeno em um âmbito local, mas também no cenário nacional.

Através desta pesquisa foi possível compreender as questões relacionadas à sustentabilidade dos grupos ayahuasqueiros, abordando tanto aspectos econômicos quanto ambientais relacionados às suas práticas. Os dados mostram resultados como: uma relação positiva desses atores na gestão de seus territórios, contribuindo para a qualidade ambiental nos ambientes em que estão inseridos; além de uma diversidade nos contextos econômicos de suas práticas culturais, representada tanto pela conservação de práticas tradicionais quanto

por sua alteração, na medida em que o fenômeno expande. Isto mostra a complexidade da análise de sua sustentabilidade.³

Referências

- ANTUNES, I. F. **Sustentabilidade, ayahuasca e manejo: análise das técnicas, normas e reflexos socioambientais**. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- ANTUNES, I. F. Religiões ayahuasqueiras e ambientalismo: análise das práticas sob a perspectiva da sustentabilidade. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, vol. 44, n.2: e440207, p. 1-20, 2024.
- ARAÚJO, W. S. A Barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. São Paulo: Mercado das letras, 2009. P. 541-556.
- ASSIS, G. L.; LABATE, B. C. Dos Igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, vol. 34, n.2, p. 11-35, 2014.
- CECHIN, A.; VEIGA, J. E. O fundamento central da economia ecológica. In: MAY, P.; LUSTOSA, M.C.; VINHA, V. (orgs.) **Economia do meio ambiente: Teoria e prática**. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. P. 33-48.
- CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS – Grupo Multidisciplinar de Trabalho – Ayahuasca. **Relatório Final**. Brasília, 2006. Disponível em: https://www.bialabate.net/pdf/texts/gmt_conad_port.pdf. Acesso em: 09 de out. 2023.
- CORRÊA, M. A. Distribuição, cultivo, sustentabilidade e conservação das espécies utilizadas na preparação da bebida hoasca. In: BERNADINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca, ciência, sociedade e meio ambiente**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. P. 269-289.
- FARLEY, J. Conservation through the economics lens. **Environmental management**. Vol.45, n.1, p.26-38, 2010.
- FARLEY, J. The foundations for um ecological economy: um overview. In: FARLEY, J.; MALGHAN, D. (orgs.). **Beyond uneconomic growth**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2016. P. 3-21.
- GOODLAND, R. The cience bi environmental cience bility. **Annual Review of Ecology and Systematic**. Vol. 26, p.1-24, 1995.
- HOFFMANN, M. Sistemas agroflorestais nas áreas de plantio. In: BERNADINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca, ciência, sociedade e meio ambiente**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. P. 301-308.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

LABATE, B. C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

LABATE, B. C. Dimensões legais, éticas e políticas da expansão do consumo da ayahuasca. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. São Paulo: Mercado das Letras, 2005. P. 397-458.

LABATE, B. C. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. São Paulo: Mercado das letras, 2009^a. p. 231-273.

LUNA, L. E. **Vegetalismo: Shamanism among the mestizo population of Peruvian Amazon**. Estocolmo: Alquimist and Wiksell International, 1986.

MAGALHÃES, E. S. Um barquinho para navegar: Devoção e habitus religioso na constituição da Capelinha de São Francisco. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro, vol. 36, n.2, p.161-187, 2016.

MICHELSSEN, G.; ADOMBENT, M.; MARTENS, P.; VON HAUFF, M. Sustainable development – Background and Context. In: HEINRICHS, H.; MARTENS, P.; WIEK, A. (orgs.). **Sustainability 367cience**. Dordrecht: Springer, 2016. P. 5-29.

MONTELES, R. **“Eu venho da floresta”: A sustentabilidade das plantas sagradas amazônicas do Santo Daime**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

MOREIRA, P.; MACRAE, E. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros**. Salvador: EDUFBA, 2011.

NASCIMENTO, L. M. **Depoimento. Revista do 1º Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra**. Rio de Janeiro: Beija-flor, 1992.

OLIVEIRA, I. S. D.; MONTAÑO, M.; SOUZA, M. P. **Avaliação Ambiental Estratégica**. São Carlos: Suprema, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Distrito Federal, 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 maio 2024.

TADESHI, M. Plantio de mariri e chacrona na Serra da Cantareira (SP): manejo sustentável e captação de água da chuva – relato de experiências. In: BERNADINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca, ciência, sociedade e meio ambiente**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. P. 309-316.

THEVENIN, J. M. R. **A natureza nos caminhos da ayahuasca: territorialidade, arranjos institucionais e aspectos fitogeográficos de conservação florestal na Amazônia** (Rondônia/Brasil). 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

TUPPER, K. W. The economics of ayahuasca: 367cien, markets, and the value of the vine. In: LABATE, B. C.; CAVNAR, C.; GEARIN, A. K. (orgs.). **The World Ayahuasca Diaspora: Reinventions and Controversies**. New York: Routledge, 2017. P. 183-200.

VEIGA, J. E. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor.** 3.ed. São Paulo: Editora Senac, 2019.

VON HAUFF, M. Sustainable Development in Economics. In: HEINRICHS, H.; MARTENS, P.; WIEK, A. (orgs.). **Sustainability 368cience.** Dordrecht: Springer, 2016. P. 99-107.

Recebido em: abril de 2025.

Aceito em: setembro de 2025.